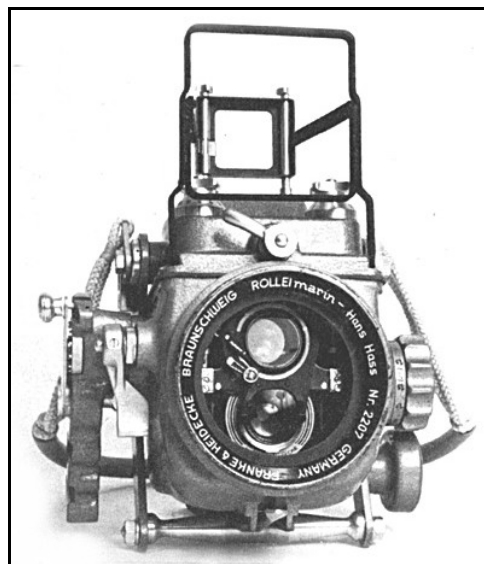




Arduino Colasanti



Rolleiflex em caixa estanque ROLLEIMARIN

HANS HASS, ROLLEIMARIN E MAURIZIO SARRA.

Hoje o mergulhador que aspira tornar-se fotógrafo sub começa seu aprendizado seguindo um curso de fotografia subaquática, ministrado por um instrutor competente e de vasta experiência. Pode estar munido de uma câmara digital encapsulada – que permite analisar a foto recém exposta e corrigi-la ou melhorá-la logo em seguida, acelerando ainda mais seu aprendizado . Câmera esta que pode ter sido importada mediante um simples telefonema para fora, mas em português mesmo. Este feliz não tem noção de como tem a vida fácil e nem a quais santos ele deve agradecer por ela.

Um desses santos pioneiros, que merece toda nossa gratidão pelos caminhos que desbravou, foi Hans Hass. Em 1937, austríaco de férias na Côte d’Azur, no Sul da França, descobre o mergulho, que ali está surgindo como atividade de lazer. Pesca com óculos como os que hoje são utilizados em natação e um arpão manual e, no ato, se apaixona pelo mar e pela vida rica e variada que ali descortina.

Estudante, no ano seguinte organiza com colegas da faculdade uma expedição às costas da Iugoslávia. Lá mergulham em apnéia e com um capacete alimentado desde a superfície. Recolhem espécimes, pescam e Hass...fotografa. Com a ajuda de um mecânico da Faculdade havia encapsulado uma primeira câmara fotográfica.

Com notável dinamismo e clarividência, um ano depois parte com dois amigos para Bonaire. Acampam na desértica Klein Bonaire onde fotografam e filmam a exuberante vida submarina do Caribe. O início das hostilidades da II Guerra Mundial interrompe a expedição, mas o material produzido servirá para

alavancar a carreira de Hass, que prosseguirá mesmo durante os difíceis anos do conflito.

Em '42 consegue organizar uma nova expedição ao Mar Egeu, na Grécia ocupada pelas forças do Eixo. Lá é o primeiro civil a ser fotografado e filmado mergulhando com um escafandro autônomo – um reciclador Draeger de circuito fechado a oxigênio – e, avanço fundamental, nadadeiras nos pés.

Quando a guerra termina ele já tem material para dar conferências, publicar artigos e livros, organizar novas expedições...

Na época os fotógrafos se dividiam em dois campos, uns se alinhavam com a qualidade que se obtinha nas ampliações a partir de negativos de formato médio, outros apostavam na versatilidade e praticidade das novas câmeras 35mm. Fora dos estúdios, onde imperavam os grandes formatos, a grande rivalidade era entre os cultores do 6X6cm representado pela Rolleiflex (com o sistema de duas objetivas. Uma para fotografar. A outra, para enquadrar e fazer o foco, projetava a imagem, refletida num espelho, sobre um vidro despolido) e os que acreditaram logo no 24X36mm, exemplificado pela Leica (que focava com um telêmetro, sobrepondo duas imagens, e enquadrava com um visor galileano).

A grande maioria dos editores fotográficos das revistas especializadas, que então começavam a surgir, ao contrário dos fotógrafos, mantinha uma frente única: “Por sua qualidade quando ampliado, 6X6 é o MENOR formato que será considerado para publicação, pt. final”.

Hass, que vinha trabalhando com equipamento 35mm e que já havia projetado e comercializado uma caixa estanque para a Robot – uma câmera com avanço automático (a corda!!!) e formato 24X24mm – rendeu-se ao anseio do mercado e projetou para a Rolleiflex a caixa estanque Rolleimarin que, aprovada pelos fotógrafos sub mais exigentes, passou a ser produzida com a chancela da fábrica.

Como de início se trabalhava quase exclusivamente em preto e branco, a caixa vinha equipada com um sistema que permitia colocar filtros coloridos na frente da lente principal para aumentar o contraste, fraco nas fotos subaquáticas. Possuía também um flash de lâmpadas de magnésio, com contatos molhados que exigiam manutenção constante e cuidadosa, mas capazes de emitir com muita potência uma luz quente que, absorvida pela água, equilibrava harmoniosamente com a luz ambiente (medida, por quem o possuía, com um fotômetro encapsulado separadamente). Equilíbrio facilitado pela velocidade da exposição controlada por um obturador Syncro-compur, uma íris que abria e fechava em até 1/500 de segundo, sempre em sincronia com o flash.

Naquele tempo as grandes angulares ainda estavam em gestação e as objetivas de 75 ou 80mm que equipavam as Rolleis correspondiam à perspectiva das lentes 50mm das câmeras 35mm e era igualmente difícil obter com elas bons resultados nas fotos sub panorâmicas, mas era o que havia e o jeito era procurar água bem clara.

Objetivas macros, nem pensar, mas a Rollei possuía um jogo de lentes Proxar que, sobrepostas às objetivas, permitiam diversas aproximações. O foco era feito no despolido, com a imagem vista através de um prisma e de uma lente plano convexa. O prisma, um pedaço de vidro de bom tamanho, invertia a imagem, se o peixinho ameaçava sair pela direita o



Foto realizada com a Holleiflex na caixa HOLLEImarin

enquadramento era corrigido girando a caixa para a esquerda. Era necessário um bocado de treino e, com só 12 poses a disposição, não se podia errar muito.

Por volta de 1958, participava do Campeonato Mundial de Caça Submarina em Malta quando fui apresentado à Mondo Sommerso, a primeira revista de mergulho que vi publicar regularmente uma maioria de fotos coloridas. Nela pontificava Maurizio Sarra que foi o primeiro, que eu saiba, a aproveitar freqüentemente as lentes para close, com resultados tão espetaculares que criou uma escola e levou a Rollei a modificar o mecanismo que trocava os filtros para que pudesse colocar as lentes de aproximação na frente das objetivas.

Alguns anos depois Sarra se encontrava perto de Roma pescando com escafandro autônomo, o que ainda era permitido na Itália. Vinha subindo, com duas garopas na fieira, quando foi atacado fatalmente por uma grande Mako (no Mediterrâneo!!!), que lhe arrancou uma perna.

Em sua memória a Mondo Sommerso instituiu aquele que se tornou um dos concursos de foto sub mais prestigiado internacionalmente: il Premio Maurizio Sarra, no qual no início se destacaram alemães e italianos, todos com a Rolleimarin, que ainda resistiu alguns anos, mesmo concorrendo com as Hasselblad que chegaram como o melhor do melhor, mas muito caras.

Enquanto isso iam se firmando mais e mais a Calypso e as Nikonos que dela descenderam que, com o passar do tempo e com o impulso das objetivas 28 e a magnífica 15mm que para elas vieram a ser desenvolvidas, se tornaram durante longos anos hegemônicas em foto sub. Mas isso é outra história!



Loyd Bridges também com ROLLEImarin

Arduino Colasanti é instrutor de mergulho e fotografia pela CBPDS na escola Tempo de Fundo em Jurujuba, Niterói/RJ. Foi usuário da Rolleiflex na caixa estanque ROLLEImarin onde fotografou em Fernando Noronha na década de 60.

Tel: (21) 2710-1215

e-mail: arducolasanti@yahoo.com.br